

GDF ameaça despejar novamente os ex-invasores

Aldori Silva

As 72 famílias remanescentes da ex-invasão da 110 Norte, que estão abrigadas no galpão João de Barro, do Centro de Desenvolvimento Social de Sobradinho, poderão ser despejadas pela segunda vez. De acordo com o secretário de Serviços Sociais, Adolfo Lopes, serão oferecidas alternativas de assentamento, fora do DF, para elas desocuparem o local onde foram alojadas precariamente. A não aceitação de uma das propostas "implica na desocupação imediata do galpão, sem o respaldo da Secretaria", advertiu Lopes.

As famílias foram para Sobradinho no dia 24 de setembro, pouco mais de um mês após serem despejadas da invasão da 110 Norte. O despejo ocorreu no dia 16 de agosto, quando as famílias recorreram à Igreja Nossa Senhora das Graças, onde passaram um mês. De lá, elas foram para a rampa do Congresso Nacional, com o objetivo de sensibilizar os parlamentares sobre a situação que estavam vivendo. Permaneceram na rampa por nove dias.

Foi preciso uma reunião entre representantes dos desabrigados, a bancada do DF no Senado, a Comissão de Justiça e Paz, o diretor executivo da Fundação de Serviços Sociais, Gustavo Ribeiro, e o arcebispo de Brasília, Dom José Falcão, para convencê-los a desocupar a rampa. As famílias foram para Sobradinho, para passarem apenas 60 dias, conforme decisão da reunião. Só que os invasores têm uma versão, e o secretário de Serviços Sociais outra sobre as condições da remoção.

"Em nenhum momento foi dito aos desabrigados que no período de 60 dias seriam oferecidas outras alternativas que não fossem as já apresentadas e rejeitadas por eles", disse Adolfo Lopes. Já a presidente da Associação dos Invasores, Maria da Cruz, afirma que foram para Sobradinho porque "a comissão prometeu que dentro de 60 dias, resolveria nosso problema". Eles ouviram ainda outras promessas, como a do senador Meira Filho (PMDB-DF) que prometeu visitar o abrigo a cada 24h00. "Mas nunca botou o pé aqui", acusou Maria da Cruz.

Vida no galpão

Durante esses três meses, a situação não tem sido fácil para as 72 famílias que moram no galpão entre as 50 divisórias de plástico e cobertor. Dentro do galpão não existe a menor organização. Dez minutos apenas dentro do abrigo, são suficientes para qualquer um sentir o clima em que vivem estas pessoas.

Uma mãe arrasta um filho pelos cabelos e com a outra mão ela o ameaça com um pedaço de pau. Dentro de uma divisória, outra mãe grita com outra criança e ameaça surrá-la. O choro das crianças ecoa na folha de zinco que cobre o galpão abafado. São 118 adultos e 135 crianças "vivendo com a ajuda de Deus", disse Maria da Cruz.

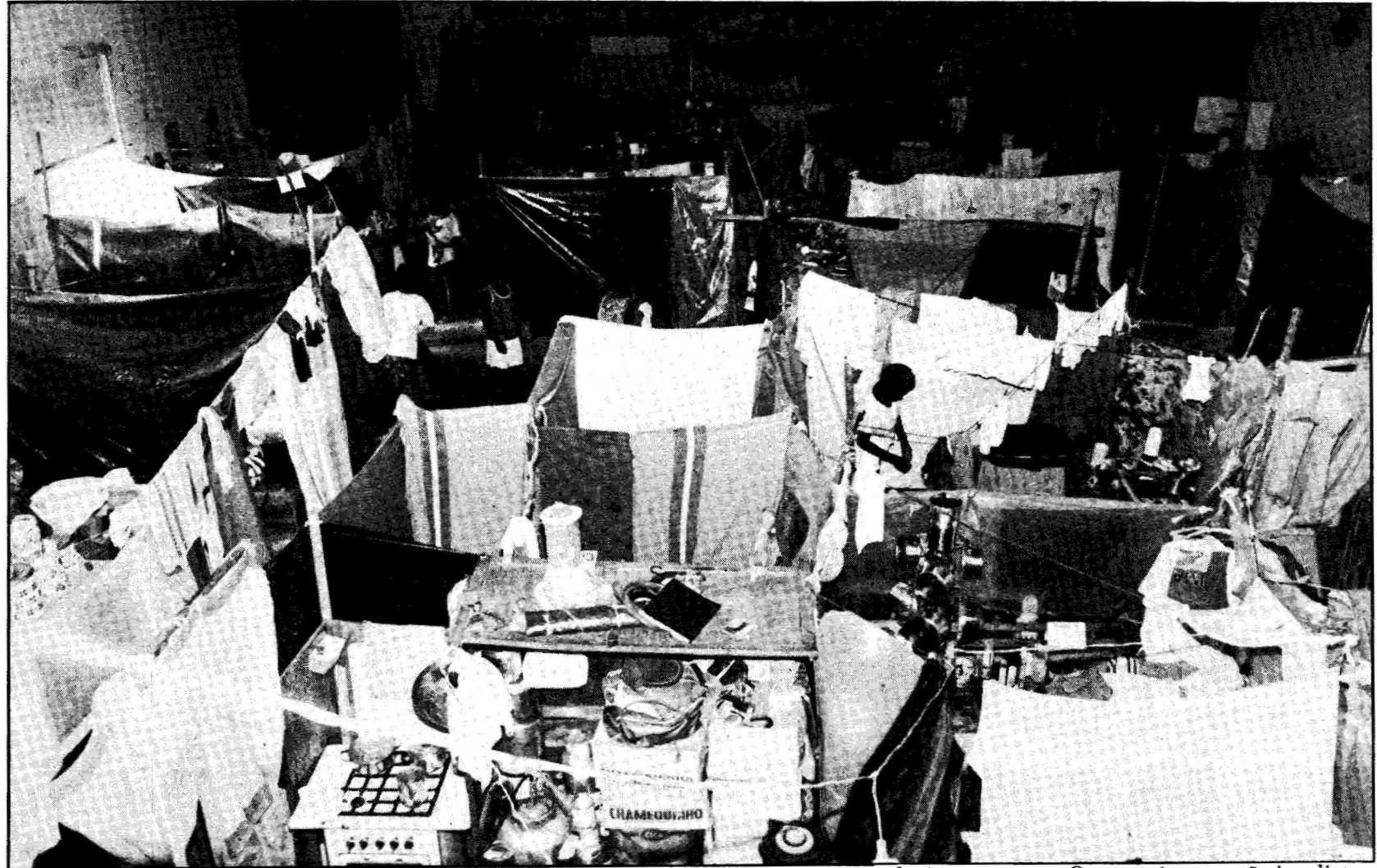
Mas a intranquilidade das famílias aumentou, anteontem, quando assistiram, pela televisão, as declarações do secretário Adolfo Lopes, sobre a sua remoção. Segundo ele, foi dado um prazo de 60 dias para que elas desocupassem o galpão, "e agora não dá para ficarem mais". Como alternativa, o secretário está oferecendo lotes em Brasilinha (Planaltina de Goiás), no loteamento Girassol (Corumbá de Goiás), estadia em albergues até que eles encontrem outras alternativas de vida e passagens de volta às suas cidades de origem, além de transporte para a mudança, em casos de curta distância.

Retorno à rampa

Mas estas alternativas não interessam aos desabrigados. Todas elas já haviam sido propostas antes mesmo do despejo da 110 Norte. "Se nos tirarem daqui vamos pra rua", ameaçou Maria da Cruz. "Tem muita gente envolvida na nossa transferência para cá e nós vamos ao Congresso pedir uma posição dos responsáveis", avisou Maria. Entretanto, de acordo com as declarações de Adolfo Lopes, ele já conta com o respaldo do governador José Aparecido e até mesmo da comissão que cuidou da transferência, para a retirada das famílias do local.

O secretário de Serviços Sociais argumentou que já recebeu diversos abaixo-assinados da comunidade pedindo a retirada das famílias do local. Segundo ele, os documentos repudiam o alto índice de promiscuidade em que vivem e a constante confusão e brigas na área. O secretário alega ainda que o galpão deixou de servir uma comunidade inteira "para atender apenas a 72 famílias". Mas Maria da Cruz discorda. "Aqui a gente é até muito unido; se sai alguma briga de vez é quando é porque o espaço é pequeno para tanta gente, e isso vai esquentando a cabeça, e muitas vezes não dá para controlar".

O secretário Adolfo Lopes fez questão de afirmar, ontem, que em nenhuma hipótese serão concedidas aos desabrigados alternativas dentro do DF.



Há três meses os ex-invasores da 110 esperam do GDF e dos parlamentares uma solução, que para o Governo é a remoção imediata